



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2333 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 24 - Educação e Arte

CAPOEIRA, UM PERCURSO ARTÍSTICO FORMATIVO: INTERFACES NA EDUCAÇÃO E CULTURA
Norma Sílvia Trindade de Lima - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Resumo

A capoeira, patrimônio cultural imaterial, entendida como um processo artístico e formativo inspirou esta Pesquisa Exploratória, desenvolvida em uma instituição de ensino superior privada, em 2015. Buscou-se conhecer a contribuição da capoeira à comunidade acadêmica de tal instituição, apoiando-se em referenciais que fundamentam os estudos sobre inclusão, cultura, (de)colonialidade e, em documentos sobre a capoeira (IPHAN, 2008; UNESCO, 2014). Foram desenvolvidas sete oficinas por mestres e professores de capoeira convidados, com um total de 150 participantes, entre estes: discentes de distintos cursos de graduação e pós-graduação, docentes e gestores, além de pessoas externas à comunidade acadêmica. Os dados analisados foram construídos por diferentes registros narrativos, coletados ao final de cada oficina. Concluiu-se que as oficinas de capoeira ao mobilizarem reflexões sobre culturas e pertencimentos, permitiram questionamentos sobre paradigmas e preconceitos do cotidiano social e institucional, sustentados por uma perspectiva educacional eurocêntrica, elitista e excludente, fomentando uma possível ampliação de visão de mundo e suas fronteiras de participação e atribuição de sentidos e significados.

CPF: 663552907- 10

CAPOEIRA, UM PERCURSO ARTÍSTICO FORMATIVO: INTERFACES NA EDUCAÇÃO E CULTURA

Resumo

A capoeira, patrimônio cultural imaterial, entendida como um processo artístico e formativo inspirou esta Pesquisa Exploratória, desenvolvida em uma instituição de ensino superior privada, em 2015. Buscou-se conhecer a contribuição da capoeira à comunidade acadêmica de tal instituição, apoiando-se em referenciais que fundamentam os estudos sobre inclusão, cultura, (de)colonialidade e, em documentos sobre a capoeira (IPHAN, 2008; UNESCO, 2014). Foram desenvolvidas sete oficinas por mestres e professores de capoeira convidados, com um total de 150 participantes, entre estes: discentes de distintos cursos de graduação e pós-graduação, docentes e gestores, além de pessoas externas à comunidade acadêmica. Os dados analisados foram construídos por diferentes registros narrativos, coletados ao final de cada oficina. Concluiu-se que as oficinas de capoeira ao mobilizarem reflexões sobre culturas e pertencimentos, permitiram questionamentos sobre paradigmas e preconceitos do cotidiano social e institucional, sustentados por uma perspectiva educacional eurocêntrica, elitista e excludente, fomentando uma possível ampliação de visão de mundo e suas fronteiras de participação e atribuição de sentidos e significados.

Palavras-chave:

capoeira, patrimônio cultural imaterial, formação acadêmica, inclusão, decolonialidade.

À GUISA DE UMA INTRODUÇÃO

A estética/escrita desse artigo apresenta excertos das narrativas dos participantes das oficinas de capoeira, em forma de subtítulos – por isso: em itálico, em negrito, entre aspas, sem adaptações.

“ a ginga está na alma e a alma está na liberdade”

É fato que as demandas educacionais contemporâneas – inclusivas e afirmativas - reconhecem a identidade cultural brasileira como híbrida e multiétnica. Estudos acerca de culturas forjadas nas margens do colonialismo, exclusão e violência, como a capoeira, reconhecida neste século XXI como um bem cultural do Brasil e da Humanidade (IPHAN, 2008; UNESCO, 2014), podem criar um campo de proveniência para a emergência de cosmovisões outras. Esta foi a inspiração desta pesquisa exploratória, por meio de um projeto de extensão universitária, ora apresentada, cujo objetivo foi conhecer a contribuição da capoeira, como um patrimônio cultural imaterial, à comunidade acadêmica de uma instituição de ensino superior privada, no interior de São Paulo/Brasil, em 2015. Sete oficinas de capoeira foram realizadas, envolvendo: experimentação corporal, compartilhamento da vivência e reflexão sobre a vida e a formação acadêmica. Durante o compartilhamento, diferentes registros narrativos foram produzidos pelos participantes. Partiu-se da relevância da ancestralidade e saberes afro-diaspóricos presentes na capoeira à formação educacional, ao agregar ou mesmo resgatar uma dimensão artística e poética - outra lógica de saberes e fazeres pautados na corporeidade, musicalidade, pertencimento, fraternidade e transcendência. Buscou-se potencializar a singularidade de cada ser em suas dimensões sensível e relacional, conectadas a um pertencimento histórico e ancestral - a capoeira, reconhecida como um bem artístico e cultural. Ademais, a capoeira revitaliza saberes e fazeres de uma cultura constituída às margens, no "entre-lugares" (BHABHA, 2013). E, sobretudo, como prática de resistência à captura e subordinação aos padrões elitistas, monoculturais, preconceituosos e eurocêtricos. Supõe-se, pois, que a capoeira, na perspectiva de um bem cultural, colabora com a formação educacional. Mas, como e quais são as possíveis contribuições da capoeira à comunidade educacional, numa perspectiva decolonial e inclusiva, transversal às grades curriculares?

Pretende-se que a experiência com a capoeira, expressa em breves e livres registros, possibilitem a fruição de um pensar, um tecer artístico sobre um percurso formativo. Alguns registros narrativos, seguem compondo o texto, como já mencionado. Trata-se de visar um diálogo entre as vozes dos sujeitos da experiência e os conceitos que dão sustentação a essa versão possível de interpretação.

“...quebra de paradigmas sobre o que é a capoeira, não é só atividade física...;

relação com a cultura, diferentes culturas...;

A capoeira não se reduz a um jogo de corpo descontextualizado e veloz. Para além desse senso comum estereotipado, algumas narrativas das experiências disparadas pelas oficinas de capoeira indicam que conhecer-experimentando possibilitou sentir, pensar e falar sobre algumas questões naturalizadas na vida social.

“...acesso à história, memória, ancestralidade ... pensar sobre isso... não se fala disso no dia a dia, não se pensa o que temos a ver com essas questões...;

conhecer, pensar, conversar sobre a história do negro... sobre a nossa história...;

aprender a interagir, respeitar o limite do outro, descobertas...;

sentir-se parte do todo para descobrir o seu singular”

Sim, apesar da inclusão ser um princípio constitucional e educacional, no Brasil, pautado na diferença, assim como a multiculturalidade dos ambientes formativos, há uma distância entre as conquistas legais e o usufruto das mesmas pelos sujeitos de direitos, dado o cenário de desigualdade, exclusão e hegemonia de um modelo formativo (ainda) eurocêntrico.

Se for possível...

“que as nossas dificuldades se transformem em gingas”

A partir dos anos de redemocratização, sobretudo no início do século XXI, políticas públicas afirmativas e inclusivas foram assumidas pelo Estado, sendo este signatário de documentos e mecanismos internacionais baseados no reconhecimento e legitimidade da diferença e princípios da Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948. É fato que desde 1988 os princípios inclusivos estão presentes na Constituição Federal. Conforme o Art.205 (BRASIL, 1988), a educação é um direito constitucional inalienável de todos os cidadãos e cidadãs, independentemente de quaisquer atributos, como: gênero, raça, etnia, deficiência, transtorno... E, ainda, nos artigos 215 e 216 (BRASIL, 1988), também a cultura é um direito, e reconhece-se a pluralidade étnica na constituição da sociedade brasileira e sua relevância para o sentimento de pertencimento, memória e identidade na promoção da igualdade e equidade. Em 2004, o Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o

ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, a serem observadas por todas as instituições educacionais, níveis e modalidades do ensino (CNE, 2004).

A capoeira surge num contexto de resistência.

“capoeira é sentimento de poder”

“é a hora que saio da zona de conforto e encontro a liberdade”

Em 2008, a Roda de capoeira e o Ofício dos Mestres de capoeira foram reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Em Paris, 2014, a UNESCO, em sua 9ª. Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em razão de ser um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente. Por tais reconhecimentos, a roda de capoeira foi legitimada como elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, na qual símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto – foram recriados no Brasil, por meio de cânticos, toques de instrumentos e expressões corporais próprias do jogo da capoeira, rememorando uma visão de mundo e atualizando a história de resistência negra no Brasil.

“capoeira é preencher espaços vazios”

Há algum tempo, a temática da inclusão tornou-se recorrente e polissêmica, com entendimentos e práticas diversificadas. A inclusão, como um princípio educativo, problematiza fronteiras, critérios e condições de pertencimento social e cultural que forjam enunciados, processos de subjetivação e produção de identidades. Como princípio, tensiona categorias instituídas por uma lógica binária: identidade e diferença, o mesmo e o outro, o familiar e o estrangeiro, o previsível e o possível, a mesmidade e o diferimento.

“Contato: tenhamos coragem para despertar. Assim como o relacionamento nos modifica, não somos estáticos. Não nascemos para ficar sozinhos. Somos seres de contato. Só aprendemos pelo contato. Através do contato buscamos nossa felicidade. E unidos nos tornamos mais fortes”.

Educação é cultura. E cultura implica em saberes, fazeres, valores e estilos estéticos que ordenam e conferem sentido aos comportamentos, modos de sentir e interpretar acontecimentos que animam a vida e o viver compartilhado. Entendida como empreitada humana, historicamente circunstanciada, e tecida no jogo de poder inerente às relações sociais, a cultura, reconhecida em seus modos plurais de existência e resistência, agencia formas de vida ou estéticas de existência (BHABHA, 2013). Nesta perspectiva, a noção de cultura não comporta uma visão unívoca, hierárquica e classificatória, nem se restringe à tradição e costumes partilhados (VEIGA-NETO, 2003). As culturas, como um tear vivo, enunciam (cosmo) visões de mundo. Compõem diferentes arranjos e tessituras que funcionam como eixos/referentes para a formação humana. Estes carregam sentidos e significados simbólicos de uma memória coletiva e histórias compartilhadas que, na materialidade dos encontros e vida social, são reeditadas, ressignificadas, recriadas.

“diferença; cultura afro-brasileira; renovação; possibilidades...”

O Brasil é uma nação híbrida, um mosaico étnico heterogêneo, decorrente de diferentes tradições e saberes que se interpenetram. Todavia, o atravessamento de preconceitos monoculturais e colonialistas dificultam o reconhecimento, a valorização e a legitimidade de bens culturais e artísticos como instâncias educativas, em ambientes e experiências educacionais.

“liberdade é sentir-se solto e deixar o corpo se expressar sem medo”.

A Roda de capoeira foi reconhecida como um bem cultural, patrimônio imaterial brasileiro em 2008, por ocasião da gestão de Gilberto Gil como ministro da cultura. De lá para cá, manifestações de culturas, “populares, subalternizadas”, têm sido reconhecidas como bens culturais, não apenas a capoeira. Entretanto, estes reconhecimentos oficiais ainda não se traduziram em avanços no âmbito do cotidiano e das práticas sociais, no que diz respeito à capoeira e seus respectivos detentores de saber, os mestres e professores de capoeira, ainda que o reconhecimento oficial e formal da capoeira como patrimônio cultural imaterial possa significar uma conquista importante, possibilitando uma re-conceitualização. Afinal, não se trata de um fato natural, pois, no decorrer dos tempos, desde a época da escravidão até os nossos dias, a capoeira passou por várias fases, quanto às atribuições de enunciados e significados. Em 1890 foi criminalizada, constando no Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, decreto número 847, de 11 de outubro de 1890. Em 1937, com o decreto extinto, a capoeira passa a ser estilizada, esportivizada, escolarizada e, enfim, reconhecida oficialmente como um bem cultural nacional e da humanidade.

Pelo exposto até então, problematiza-se a noção de cultura no âmbito dos espaços e tempos educacionais, sobretudo a

seleção, elegibilidade e legitimidade de critérios, enunciados e valores que definem o que deve ser considerado ou não, reconhecido ou não, valorizado ou não acerca de experiências e sujeitos sociais, bem como suas estéticas, saberes, tradições (HALL, 2000; CANDAU, 2008; BHABHA, 2013; SANTOS, 2006, 2010).

As referências culturais legitimadas socialmente são pertinentes a posicionamentos de poder social, político e cultural – de enunciação –, posto que estas dimensões não são independentes, mas interconectadas e interdependentes, cujos sujeitos e experiências sociais são valorizados enquanto outros são ocultados e desqualificados.

"...conhecer o sofrimento dos escravos implica em nos darmos conta da cumplicidade da sociedade com a escravidão, com o racismo..."

A este respeito, Boaventura de Souza Santos (2006, 2010) destaca a ocultação de sujeitos e experiências sociais por uma epistemologia hegemônica imposta por um processo de colonização elitista, eurocêntrico e racista que, para além do domínio territorial, político e econômico, forja dispositivos que mantêm relações coloniais na/para a produção de discursos e enunciados. Estes dispositivos ao sustentar uma visão monocultural, assumida e/ou compartilhada socialmente como legítima, verdadeira e unívoca, tão excludente como autoritária, silencia, invisibiliza e desqualifica uma ampla gama de linguagens, visões, expressões, crenças, códigos e tantas outras manifestações que caracterizam experiências sociais e seus modos e estéticas de existências em um país constituído por tantas etnias e culturas. Nas palavras de Santos (2010), "as epistemologias do sul" por meio de demandas e conquistas de "novos" sujeitos de direitos nos espaços e tempos educacionais, reclamam a legitimidade da diferença, de modo que as culturas possam romper com a colonialidade monocultural e excludente, tensionando a hegemonia monolítica epistemológica colonial.

"conhecer pessoas diferentes, novas, de outros cursos – amplia o repertório pessoal, visão de mundo e, portanto, colabora com a formação profissional, acadêmica e pessoal..."

COM VISTAS A ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

"...se não fosse essa pesquisa, não haveria esse momento de conhecimento histórico, sobre a identidade cultural do Brasil..."

Fragmentos, traços, signos, sentidos e significados condensados de experiências com a capoeira compuseram registros compartilhados, ao longo deste texto.

"superação: realmente foi uma experiência nova, não imaginava a alegria que a capoeira transmite"

Vale uma analogia entre as narrativas dessa pesquisa e o estilo tradicional de poesia japonesa, *haikai*, que busca manifestar a singeleza da experiência humana na sua forma mais concisa e objetiva.

Por serem passíveis das mais diversas traduções, ressaltamos a relevância de se dar visibilidade às expressões das experiências dos sujeitos de pesquisa em educação, a fim de que vozes múltiplas e díspares possam ter escuta, enunciando saberes tecidos em outras ordens e registros. Registros esses, poéticos, sensíveis, artísticos, ancestrais.

"... bom psicólogo precisa além de desenvolver a escuta para o outro, estar aberto para "experiências... para ter condição de entrar em contato com o outro;

... momento de entrega, de emoção, de coração..."

As breves e pontuais narrativas produzidas ao final de cada oficina de capoeira, expressam pistas significativas de dizeres insurgentes da experiência sobre como e quais são as contribuições possíveis da capoeira à comunidade educacional, numa perspectiva decolonial e inclusiva, transversal às grades curriculares, indagação central dessa pesquisa.

"...quebra de paradigmas sobre: pessoas, sobre os cursos/formação... humanas, exatas... se faz estereótipos... sobre a professora, pesquisadora se apresentar como "capoeira"

Entre tantas possibilidades de análise e interpretação, esses relatos parecem indicar o alcance que as experimentações promovidas pelas oficinas de capoeira proporcionaram a respeito de visão de mundo, memória, pertencimento, história, conceitos, e suas implicações nas relações pessoais, sociais e institucionais. Nesse sentido, aponta a potência de contribuições possíveis da capoeira, a partir de outras linguagens, como a estética, a artística, a política, enfim, outras intensidades, alargando as fronteiras e deslocando as referências na/da formação de comunidades educacionais, sobretudo, a acadêmica, escopo dessa pesquisa.

"a experiência, não ter medo... aqui a vergonha e limitação não podem ficar!"

Ressalta-se, por fim, o limite do estudo, sendo uma versão possível, numa margem móvel, posto que a experiência é intraduzível e incomensurável.

"é errando que se aprende, estar em roda, olhar nos olhos"

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. **O local da cultura**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL. **DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890** Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 fev de 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP 3/2004.

Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CANDAU, V. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença **Revista Brasileira de Educação**. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D&A, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN **Roda de Capoeira**. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66> Acesso em: 10 fev de 2018.

PARTICIPANTES DA OFICINA. **Registros concedidos pelos participantes ao fim da última Oficina Americana**, SP/Brasil, 2015.

SANTOS, B. de S. (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente. Um discurso sobre as ciências revisitado**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In SANTOS, B.S.; MENESES, M. P. (orgs). **Epistemologias do sul**. Portugal: Edições Almedina, 2010.

UNESCO. **Capoeira torna-se patrimônio cultural imaterial da humanidade**. Disponível em http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/capoeira_becomes_intangible_cultural_heritage_of_humanity/. 2014. Acesso em: 10 fev de 2018.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.23, maio/ago. P. 5-15. 2003